

Resenha:

SOBRE *A NEBULOSA DO (AUTO)BIOGRÁFICO*, DE EURÍDICE FIGUEIREDO

Carla Carolina Moura Barreto¹

“Como nos ha enseñado la lingüística, el Yo es, de todos los signos del lenguaje, el más difícil de manejar, es el último que adquiere el niño y el primero que pierde el afásico. A medio camino entre los dos, el escritor ha adquirido la costumbre de hablar de si como si se tratara de otro. [...] Exorcismo, narcisismo, en una autobiografía el Yo es todo el espectáculo.”

(*Años de formación*, de Ricardo Piglia)

A constituição do individualismo moderno contribuiu para que algumas práticas culturais se expandissem na sociedade, como as escritas de si, as quais compõem um dos estilos literários de memória e apresentam representações de experiências pessoais daquele que narra, de modo a colocar a subjetividade do sujeito em primeiro plano. Em vista da proliferação das escritas confessionais na atualidade, escritas essas que representam um retorno do conceito de autor, “morto” por Barthes em 1968, a teoria literária tem promovido muitos debates e reflexões sobre esse tipo de produção, de modo a refletir, principalmente, sobre a autoria; a relação entre Memória, História e escrita; o estatuto do literário; e as imbricações entre os relatos de vida e a sua ficcionalização.

Dentro do rol de estudos sobre tais temas, que se apresentam tão complexos, temos o livro recém publicado *A nebulosa do (auto)biográfico: vidas vividas, vidas escritas* (2022), escrito por Eurídice Figueiredo e publicado pela editora Zouk. A autora é Mestra e Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, atualmente, professora no Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF), sediada em Niterói-RJ. Ela trabalha com análise crítica de textos de literaturas francesa e brasileira, principalmente, tendo como foco principal de pesquisa escritas de si na literatura contemporânea, ditadura brasileira e crítica feminista. Além de seu novo livro *A nebulosa do (auto)biográfico*, Figueiredo publicou outras interessantes obras, como: *Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras*, seu penúltimo livro, publicado em 2020, *A literatura como arquivo da ditadura brasileira* (2017), *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção* (2013), *Representações de etnicidade: perspectivas*

¹Doutoranda em Teoria e História Literária no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

interamericanas de literatura e cultura (2010) e *Construções de identidades pós-coloniais na literatura antilhana* (1998). Além disso, organizou obras, como: *A escrita feminina e a tradição literária* (1995) e *Conceitos de literatura e cultura* (2005).

A nebulosa do (auto)biográfico nos apresenta uma reunião de pesquisas da autora em torno de escritos e gestos biográficos de autores consagrados, como: Roland Barthes, Albert Camus, Patrick Modiano e Jorge Amado, e de novos nomes da literatura contemporânea, como Paloma Vidal, Claudia Laje, Tatiana Salem Levy, Julián Fuks, Patricio Pron, entre outros. O livro, que traz em seu título o termo “nebulosa”, o qual define bem a complexidade das escritas de si- algo difuso, de difícil compreensão- é dividido em seis partes, são elas: *Em torno, e a partir, de Roland Barthes; Formas do biográfico; Narrativas de filiação; Filiações e afiliações das escritoras negras; Jorge Amado em dois tempos*; e, por último, *Entrevista*, capítulo que nos apresenta uma entrevista feita por Rafaela C. Procnov com a autora do livro, cujo tema é “as vozes não hegemônicas na literatura”.

Na primeira parte do livro, intitulada *Em torno, e a partir, de Roland Barthes*, Figueiredo nos traz discussões sobre importantes obras de Barthes, estabelecendo um diálogo com textos de outros autores. A pesquisadora se debruça, primeiramente, sobre um texto de grande relevância e destaque dentro dos estudos sobre autoria e escritos autobiográficos: o polêmico *A morte do autor*, publicado em 1968. Ela nos apresenta uma discussão teórica sobre o texto, mostrando o diálogo que ele estabelece com outros escritos da época, de estudiosos como: Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin, Michel Foucault, Jacques Derrida, entre outros, promovendo, assim, uma ampla discussão sobre “a morte do autor” e, posteriormente, seu “retorno”.

Figueiredo explica que em *A morte do autor* (1968), Barthes desmistifica a imagem do autor como um “Deus” único e proprietário do texto, acentuando a participação do leitor como um produtor de sentidos da obra. Para ele, há uma dualidade na constituição do autor. Barthes diferencia o autor do escritor, afirmando que o primeiro é um ser que só existe no plano da linguagem, do discurso, cuja voz é perdida no ato da escrita, pois toda escritura destrói toda voz, uma vez que ela é “esse neutro, esse composto, esse oblíquo pelo qual foge o nosso sujeito, o branco-e-preto em que vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve” (BARTHES, 1988, p. 65 apud FIGUEIREDO, 2022, p. 33). Ou seja, a partir do momento em que o escritor escreve, ele perde sua identidade, a escrita anula seu corpo e o autor morre para que sua obra seja criada. Dessa forma, Barthes rejeita a precedência do autor frente ao seu texto e acentua a importância do texto e do leitor. O

segundo, que antes era visto como mero receptor do texto, agora é assinalado por Barthes como o “espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escrita; a unidade de um texto não está em sua origem, mas no seu destino” (BARTHES, 1988, p. 70 apud FIGUEIREDO, 2022, p. 33). Sendo assim, o único corpo que interessa é o do **leitor**, aquele a quem se destina a escritura e que gera a polissemia do texto. E assim, temos o seu “nascimento”.

Barthes declara a morte do autor, em 1968, todavia, é possível perceber que, em seus escritos posteriores, o autor retorna, como bem aborda Figueiredo (2022), na seção *A volta do autor*. Para ela, o retorno tem início a partir do termo “biografemas”, cunhado por Barthes, primeiramente, em *Sade, Fourier e Loyola* (1971), para se referir aos “pormenores da biografia”, ou seja, a pequenos elementos biográficos ligados a alguém. Segundo Figueiredo (2002), a volta desse sujeito autoral se consolida na obra Barthesiana quando o autor publica *Roland Barthes por Roland Barthes* (1975), uma obra híbrida composta por fragmentos, fotografias, pensamentos e recordações pessoais. O texto, apesar de não ser totalmente autobiográfico, é construído a partir de “biografemas” e nos remete a uma espécie de volta do autor, uma vez que a voz de Barthes e suas experiências pessoais são colocadas no texto. Desse modo, nos parece que Barthes propõe ao leitor uma releitura dos conceitos formulados por ele próprio ao longo de suas obras.

Assim, como segue afirmando Figueiredo (2022), temos um retorno da figura autoral que se torna mais complexa e evidente, principalmente, através das escritas de si. No entanto, é importante salientar que esse retorno se concretiza de maneira distinta, uma vez que a figura que retorna ao texto não corresponde a uma figura, tomando as palavras de Klinger (2012), “sacrossanta do autor”, como se tenta sustentar nas autobiografias tradicionais, mas sim de uma representação do sujeito, um corpo construído no tecido textual, sendo, portanto, uma figura do discurso, intratextual. Como afirma Figueiredo citando Barthes, esse sujeito volta, “não como ilusão, mas como ficção”, o que vai de encontro ao pensamento de Compagnon (2010), o qual destaca que o autor é um “ser de papel”, um “sujeito da enunciação”:

O autor cede, pois, o lugar principal à escritura, ao texto, ou ainda, ao ‘escriptor’, que não é jamais senão um ‘sujeito’ no sentido gramatical ou linguístico, um ser de papel, não uma ‘pessoa’ no sentido psicológico, mas o sujeito da enunciação que não preexiste à sua enunciação mas se produz com ela, aqui e agora. (COMPAGNON, 2010, p. 50)

Após todo esse preâmbulo em torno de questões autorais, Figueiredo segue debatendo obras barthesianas, como *Como viver junto* e *Diário de luto*. Seguindo a temática

do luto presente no diário de Barthes, a autora apresenta análises de obras que apresentam como tema central a perda, a dor e o luto, escritas por mulheres, são elas: Noemi Jaffe, Rosângela Vieira Rocha, Paloma Vidal e Claudia Laje. Em seguida, Figueiredo apresenta uma discussão sobre a autoficção e o romance contemporâneo, dando destaque à “era da extimidade”, na qual o “eu” é um espetáculo², e à novas formas de fazer (auto)biografias e romances.

Ao falar sobre a autoficção, citada pela autora como “sintoma de nossa época” em muitas de suas aulas e apresentações orais, a “nebulosa” entra em cena na discussão, uma vez que este consiste em um tema complexo, que permanece obscuro até hoje, 45 anos após seu surgimento³. Enquanto muitos definem a autoficção como um novo gênero, que se situa entre autobiografia e romance, Eurídice Figueiredo afirma que não o considera assim. Para ela, “a autoficção é uma das formas do romance contemporâneo [...] é uma das vertentes do romance em que o autor não teme se expor e se colocar como protagonista da história que conta, usando seu próprio nome.” (FIGUEIREDO, 2022, p. 83), sendo assim, não podemos considerá-lo como gênero, pois seria “uma forma de domesticação de seu potencial disruptivo.” (FIGUEIREDO, 2022, p. 83). Eurídice Figueiredo traça a genealogia do termo e suas implicações éticas, de modo a discutir diferentes manifestações e caminhos do neologismo, trazendo à luz reflexões de Doubrovsky, Philippe Gasparini, Philippe Vilain, Vincent Colonna, Régine Robin, Evando Nascimento, entre muitos outros e, assim, vão se estabelecendo traços e características do fenômeno da autoficção: ambiguidade, indecibilidade, instabilidade, autorreflexibilidade, hibridismo, contradição, fragmentação.

A autora não aborda somente a autoficção, em seu livro, ela trata também de outros tipos de escritas de si e temas que envolvem elementos biográficos, como por exemplo, a ficção biográfica, tendo como exemplo as obras de Evando Nascimento, que cria um romance diarístico no qual se apropria da voz de Vincent Van Gogh; de Lúcia Bettencourt, que publica um romance biográfico sobre a vida do poeta francês Rimbaud; e de Maria José Silveira, com sua obra *Eleanor Marx* (2021), sobre a vida da filha mais nova de Karl Marx. Além disso, Figueiredo aborda questões sobre memória, pós-memória, pós-ficção, narrativas de filiação, romance genealógico autobiográfico, cartas transmutadas em diários, e textos que envolvem questões sociais, como a pandemia, as ditaduras, o estupro e o erotismo. Com isso, ela nos

² Como destaca Piglia, em *Años de formación* (2015), epígrafe deste trabalho.

³ O termo autoficção foi cunhado pela primeira vez em 1977, pelo escritor francês Serge Doubrovsky. O autor utilizou o neologismo na quarta capa da primeira edição de seu livro *Fils*, a fim de definir sua obra, que não seria nem autobiografia stricto sensu, nem romance stricto sensu. Para ele, sua narrativa trata-se de uma ficcionalização de fatos reais, sendo, portanto, uma autoficção.

brinda com discussões sobre obras, como: *A peste* (1947), de Albert Camus, *Vista Chinesa* (2021), de Tatiana Salem Levy, *A resistência* (2015), de Julián Fuks, *O espírito dos meus pais continua a subir na chuva* (2011), de Patricio Pron, *Da vida nas ruas, ao teto dos livros* (2020), de Clarice Fortunato, *Cartas a uma negra* (1978), de Françoise Ega, *Navegação de cabotagem* (1992), de Jorge Amado, entre outras. Embora nem todas as obras analisadas apresentem um selo (auto)biográfico em suas capas, a autora busca nelas elementos que envolvem a vida pessoal de seus autores e promove uma discussão a partir disso. A “cereja do bolo”, que fecha o livro de Figueiredo, é a entrevista concedida pela autora para a estudiosa Rafaela C. Procknov. Por meio da entrevista conhecemos um pouco da trajetória da autora, que nos fornece de início alguns dados biográficos que justificam seus interesses de pesquisa. Figueiredo responde a questões sobre a hegemonia na literatura, alteridade, literatura negra, feminismo, dentre outros temas que atravessam os trabalhos da professora e pesquisadora.

A obra de Eurídice Figueiredo é muito rica, uma vez que nos apresenta discussões e análises de textos canônicos e contemporâneos, promovendo reflexões sobre a descentralização de um sujeito que insiste em dizer “eu”- sobretudo nesta era midiática onde a auto exposição está cada vez mais intensa-; questões autorais; aspectos biográficos; e as complexidades que envolvem o entrelaçamento entre o vivido, o lembrado, o imaginado e o fabulado, o que torna bastante tênue a linha entre realidade e ficção. Assim, com suas discussões, Figueiredo concede organicidade às suas pesquisas, de modo a nos mostrar um pouco as especificidades de cada uma das obras analisadas e a nos evidenciar novos tipos e formas de se produzir romances biográficos. Como afirma Laura Brandini na orelha do livro, cada texto apresentado pela autora funciona como “uma estrela a iluminar questões específicas às obras analisadas, envolvendo sempre a relação entre a escrita e aquele que escreve, ‘sujeito descentrado, disperso, esvaziado, porém que insiste em sua individualidade’”. E, por isso, deve ser lido, para que se iluminem os caminhos que envolvem os debates sobre as escritas que apontam para um “eu” que se estilhaça em “outros”, tornando, assim, cada vez menos nebulosa a sua compreensão.

Referências

- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2ª ed., Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *A nebulosa do (auto)biográfico: vidas vividas, vidas escritas*. 1ª ed., Editora zouk: Porto Alegre, 2022.

BARRETO, Carla Carolina Moura.

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2ª ed., Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

PIGLIA, Ricardo. Años de formación. In: PIGLIA, Ricardo. *Los diarios de Emilio Renzi*. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2019.

Recebido em: 14/10/2022; **Aceito em:** 15/12/2022